

BRASIL-PORTUGAL

16 DE JUNHO DE 1904

N.º 130

Bodas de oiro do "Commercio do Porto"



Inauguração do primeiro nucleo do Bairro operario do Bomfim



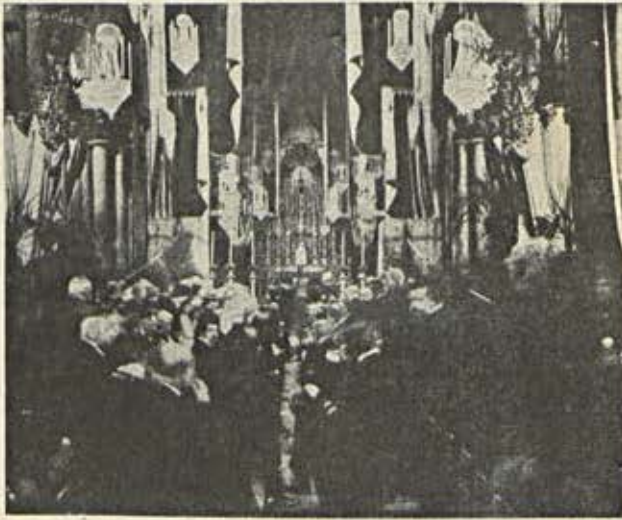
A benção das casas do Bairro operario



O pavilhão do representante de El-Rei, Bispo e auctoridades na inauguração do Bairro operario



A decoração da Sé, cathedral do Porto, na cerimonia promovida pelo «Commercio do Porto»



O Bispo do Porto discursando no altar-mór



As decorações nas oficinas do «Commercio do Porto»



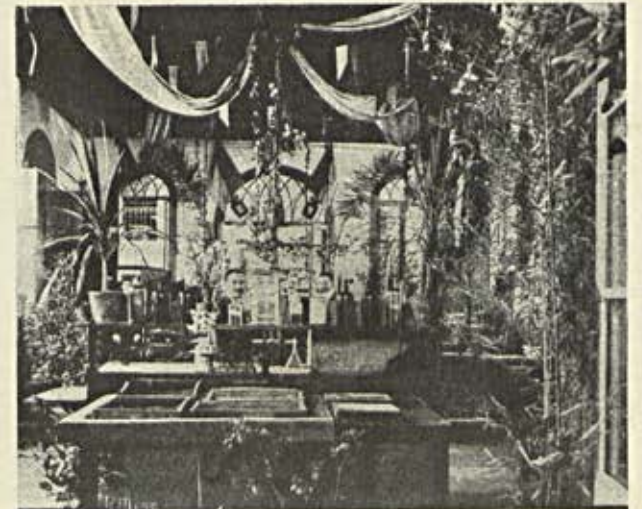
As decorações da rua do Commercio do Porto



As decorações da rua de Santo Antonio, illuminada a arcos voltaicos



As decorações do Largo de S. Domingos, com um arco triumphal nas ruas das Flores e do Bellomonte



Aspecto das decorações das oficinas de chromotypia e photogravura do «Commercio do Porto»

Dedicando duas paginas ás festas que no Porto se celebraram em commemoração do 50.º anniversario do *Commercio do Porto*, honra e gloria da Imprensa Portugueza, o *Brasil-Portugal* saúda os proprietarios, o director e todos os que teem collaborado e collaboram no importante órgão do commercio do Norte

POLITICA INTERNACIONAL

Um dos factos mais interessantes da politica internacional na ultima quinzena é indubitavelmente a assignatura do tratado de arbitragem entre Portugal e a Hespanha. Não, que o presente tratado difira na sua letra dos que ultimamente tem sido celebrados entre as diversas nações europeas, e n'estes lá vem a invariavel clausula de que ficam excluidas da arbitragem todas as questões, que se relacionem com a honra ou com a independencia dos paizes signatarios. Quer dizer, exactamente as questões que mais pôdem ameaçar a paz do mundo. Mas se pela letra o tratado lusohispano, assim como todos os seus congêneres, pouco vale e pouco significa, pelo espirito a que obedece e pela tendencia que revela, merece a geral approvação com que foi recebido. Em primeiro lugar e sob o ponto de vista europeu propriamente dito, o tratado, que os gabinetes de Lisboa e Madrid acabam de negociar, é uma nova affirmação, embora de caracter mais ou menos pistonico, de que chegou a vez aos governos de continuarem a propaganda, que até agora tinha por unicos apóstolos os modestos e obscuros trabalhadores das «sociedades de paz.» E este facto tem tal valor, que só por si contém em germen uma profunda revolução. De hoje para o futuro não é sómente um grupo de philantropos, apenas com a influencia da sua palavra e da sua penna, que trabalhará por tornar a guerra impossivel, mostrando o odio dos seus processos e o horror dos seus resultados. São os representantes officiaes das nações tambem, com os meios bem mais poderosos que tem á sua disposição, que vêm um a um enfileirar-se no grande exercito, ao qual está confiada a santa cruzada de pôr um termo ao criminoso assassinato do homem pelo homem em nome da civilização. Um passo mais n'este caminho, eis o que significa o tratado luso hespanhol.

Mas este tratado não tem apenas uma significação geral. Tem n'a tambem e grande, embora mais restricta, no campo da politica peninsular. Por mais de uma vez — sobretudo depois da guerra hispano-americana, em que a Hespanha perdeu as ultimas colonias que possuía e tão rude golpe soffreu no seu prestigio, — correu com insistencia o boato de não serem muito cordiaes as relações entre as duas nações peninsulares. Este boato chegou mesmo, não ha muitos mezes, a adquirir taes proporções, que o espirito publico em Portugal principiou a sobresaltar-se, com a possivel existencia de tramas internacionais contra o nosso paiz, capitaneados pela Hespanha. Crêmos que nada existiu, positivo e real, que pudesse justificar o que até jornaes dos mais serios sem reboço asseveraram. Dado, porém, que tivesse existido, o presente tratado de arbitragem prova que se pensou melhor no perigo, a que podiam semelhantes aventuras expôr os seus promotores. E nunca é tarde para entrar no bom caminho. Em todo o caso se, relativamente a este incidente da politica peninsular, o presente tratado é um symptoma, que convem gostosamente sublinhar, não é menos certo que elle deve prestar verdadeiro e real serviço aos dois paizes, acabando com malentendidos e desconfianças, que a ambos por igual prejudicavam. Além d'isso, dois estados cujas fronteiras terrestres são tão extensas, e em cujas respectivas aguas territoriaes pôdem dar-se, como de facto mais de uma vez se dêram, tão repetidas collisões de interesses, por exemplo, em tudo quanto se refere aos pescadores das duas nações, tinham indispensavelmente de concordar n'um tratado assim, para de futuro resolverem promptamente e de modo amigavel qualquer conflicto que surgisse.

Por todas estas razões, bem mereceram dos dois paizes os ministros que ultimaram semelhante convenção, que por parte de Portugal, esperamos, será seguida de outras analogas com os paizes que, tanto na Europa como no ultramar, com o nosso mais estão em contacto.

A questão de ser ou não ser mantida a neutralidade da China no actual conflicto russo-japonês continua a ser debatida nos principaes órgãos da imprensa europeia e a preoccupar as chancellarias. E' sobretudo a attitude do general Ma, um japonophilo reconhecido, que suscita as maiores inquietações nos circulos officiaes da Russia, por quanto se desconfia que o corpo de exercito, que este general comanda e que até agora se tem conservado em prudente observação, possa de um momento para o outro intervir na contenda em prejuizo do exercito moscovita. E' sobretudo na hypothese de novas victorias japonezas, que se teme esta eventualidade.

Pelo seu lado o Japão não cessa de empregar todos os esforços para que o conflicto se circumscreva aos dois actuaes combatentes; e a China, obedecendo á imposição do seu poderoso vizinho, repete todos os dias que está disposta a continuar com a attitude passiva, que até agora tem conservado em face dos acontecimentos, que no fim de contas a ella mais do que a ninguém interessam. E' evidente que o conservar-se ou quebrar-se a neutralidade da China depende inteiramente do Japão. Para Tokio se dirigem hoje todos os olhares dos estadistas do Celeste Imperio, e Pekim passou a ser uma simples succursal do ministerio dos negocios estrangeiros do Mikado. Ora é mais do que certo, que, no momento actual, ao Mikado não convém a intervenção da China na guerra, por mais de uma razão.

Em primeiro lugar, trabalhando pela neutralidade do imperio chinês, o Japão ganha a sympathia das nações que tem interesses no Extremo-Oriente, e ninguém dirá que não seja importante a força

moral, que semelhante sympathia lhe dá. Além d'isso, e em vista dos resultados até agora obtidos, o prestigio que o Japão tirará das suas victorias sobre os russos será centuplicado por tel-as ganho sósinho contra tão poderoso adversario, sem alliados ou ajudas. De maneira que, no nosso entender, quanto mais se evidenciar o triumpho final do Japão tanto menos se deve recear a intervenção da China. Bem sabemos que esta opinião não é partilhada pela quasi totalidade dos publicistas e correspondentes que escrevem sobre a guerra, mas crêmos que n'este ponto são elles que estão em erro. O argumento parece-nos evidente, além de que o succedido até agora vai dando razão a esta maneira de vêr. Dizia-se que a China quebraria a neutralidade á noticia da primeira victoria terrestre dos japonezes. Pois até agora os generaes Kuroki e Oku já ganharam cada um uma grande batalha por terra, e apesar d'isso o general Ma continua onde estava com o seu corpo de observação, e de Pekim os protestos pacíficos cada vez se accentuam mais.

Onde, segundo o nosso modo de vêr, está o perigo de uma intervenção chinesa e portanto de uma possivel conflagração das potencias, é na derrota dos japonezes. Na guerra, em que está empenhado contra a Russia, o Japão arriscou todo o seu futuro não só de nação hegemonica no Extremo-Oriente, mas até de nação independente. Se vence, consegue firmar em seguras bases a sua existencia nacional, porque arreda de vez do caminho da sua expansão o unico rival, que podia contrariar o. Se é vencido, porém, ficam para sempre perdidos os esforços até hoje empregados pelo povo japonês para a sua regeneração politica e social. Mais ainda. Não só ficam esses esforços perdidos, mas tambem a independencia da nação passa a estar á mercê do vencedor, que decerto não perdoará as humilhações até agora soffridas e que ha de querer por conseguinte tirar d'ellas estrondosa desforra. Ainda que nenhum sentimento de ambição animasse a Russia, era a conservação do seu prestigio militar, que lhe aconselhava ser implacavel na victoria. O Japão sabe bem o que o espera no caso de ser derrotado e é por isso natural, que ao declarar a guerra se tenha preparado para todas as eventualidades. De que modo? Em primeiro lugar dando a maior intensidade á sua offensiva, accumulando por mar e por terra o maior numero de meios d'ataque, procurando por uma acção rapida, tanto quanto as circunstancias lh'o permittem, desorganizar a resistencia do inimigo para o impossibilitar de tomar a offensiva por seu turno. Quando este esforço, contudo, não seja bastante para reduzir a Russia á impotencia, e quando apesar das derrotas soffridas os exercitos do Tsar consigam por fim triumphar, pelo numero, da disciplina e da coragem das tropas do Mikado, é evidente que o Japão recorrerá aos ultimos extremos para salvar a sua causa ou, pelo menos, para complicar de tal modo a situação, que uma intervenção da Europa o livre do esmagamento total. Lançará então a China na contenda, não pelo auxilio material que esta nação lhe possa dar, mas para provocar a interferencia das potencias no conflicto, que d'esta fórma assumiria novo aspecto, decerto não favoravel para a Russia. Eis porque affirmamos e continuamos a affirmar, contrariamente á opinião corrente, que o verdadeiro perigo da neutralidade chinesa está n'uma derrota do Japão e não na victoria d'este paiz.

Se o desfecho da guerra actual representa para o Japão um caso de vida ou de morte, outro tanto não acontece para a Russia. Para esta nação o ser vencida no Extremo-Oriente não significa a perda das condições d'existencia como estado independente. A derrota da Russia na Mandchuria é sim a morte das aspirações panasiaticas da autocracia moscovita, e a ruina irremediavel do sonho de hegemonia universal, em que os tsars, a partir de Pedro o Grande, julgaram vêr o destino da sua raça. Mas a nação russa, a grande patria slava, continuará a subsistir como grande potencia com a Mandchuria ou sem ella, talvez até melhor sem ella, pois assim mais se concentrará no Occidente, onde pôde representar tão importante papel.

E' esta a differença profunda na situação dos dois adversarios. Um luta pela existencia, sabendo que se for vencido será aniquilado. O outro luta pela conservação do prestigio militar, por isso que se chama a honra da bandeira, e pela conservação de mais alguns milhares de kilometros quadrados de terra para juntar aos milhões que já possui. N'estes termos não é difficil de comprehender o sentimento que anima os dois contendores. Os japonezes estão convencidos de que precisam vencer, custe o que custar. Os russos pensam que lhes é preciso salvar a honra das armas imperiaes, aconteça o que acontecer. Estes lutam resignadamente, sem enthusiasmo, como quem cumpre um dever, que lhes é imposto. Aquelles vão á guerra impellidos pela allucinação do amor patrio, que os obriga a combaterem desesperadamente pela integridade do seu territorio, que vêem ameaçada pela expansão russa. Este duplo ponto de vista explica o caracter que de parte a parte assume a presente luta, e serve para formular o prognostico sobre qual será o seu desfecho.

CONSIGLIERI PEDROSO.



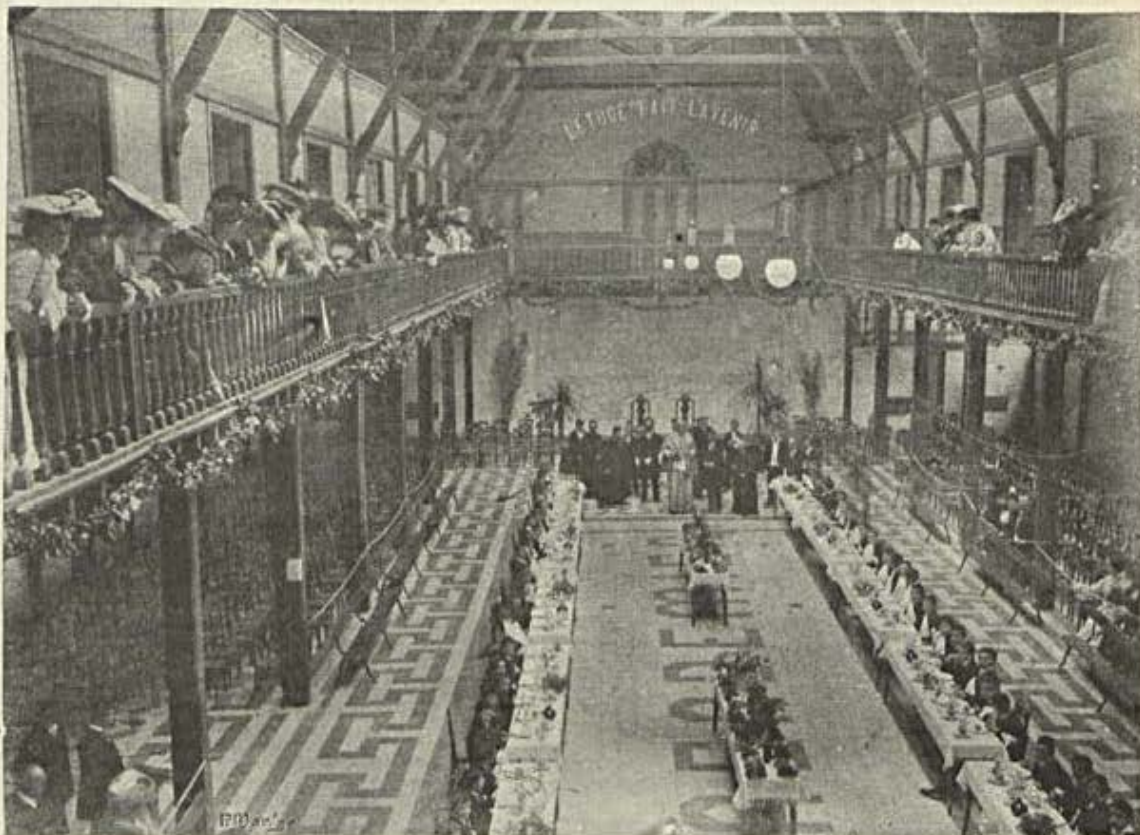
UMA FESTA ESCOLAR

A *Escola Academica* esteve em festa no dia 29 de maio. Festa de rapazes é sempre cheia de alegrias. E tão sinceras e tão communicativas são essas alegrias, que, nós próprios, no meio d'aquella multidão irrequieta e feliz, batendo palmas e soltando risos, nos sentimentos rejuvenescer, recordando tempos que vão longe, tempos de mocidade, sem outros cuidados além das horas de aulas, nem outros ideaes além das horas de recreio.

Por lá encontramos, entre os que assistiam á festa, antigos condiscipulos, camaradas das nossas primeiras luctas, das nossas festivas illusões, hoje, alguns d'elles, triumphadores que de bom grado trocariam, se possível lhes fôsse, todos os gloriosos trophéos das suas victorias ganhas nas batalhas da vida pelos seus antigos numeros

da escola, pela alcunha maliciosa e divertida por que eram conhecidos, com tanto que volvessem áquelles tempos idos.

A *Escola Academica*, esse magnifico estabelecimento de ensino particular, com os seus cincoenta e sete annos de existencia, acompanhando sempre tudo que o progresso aconselha tanto para a



Escola Academica — O almoço dos alumnos no novo pavilhão inaugurado



Escola Academica — Um grupo de convidados

Conde de Sabrosa
Governador Civil

Marquez do Soveral
Conselheiro de Estado

Cons. W. de Lima
Min. dos Neg. Est.

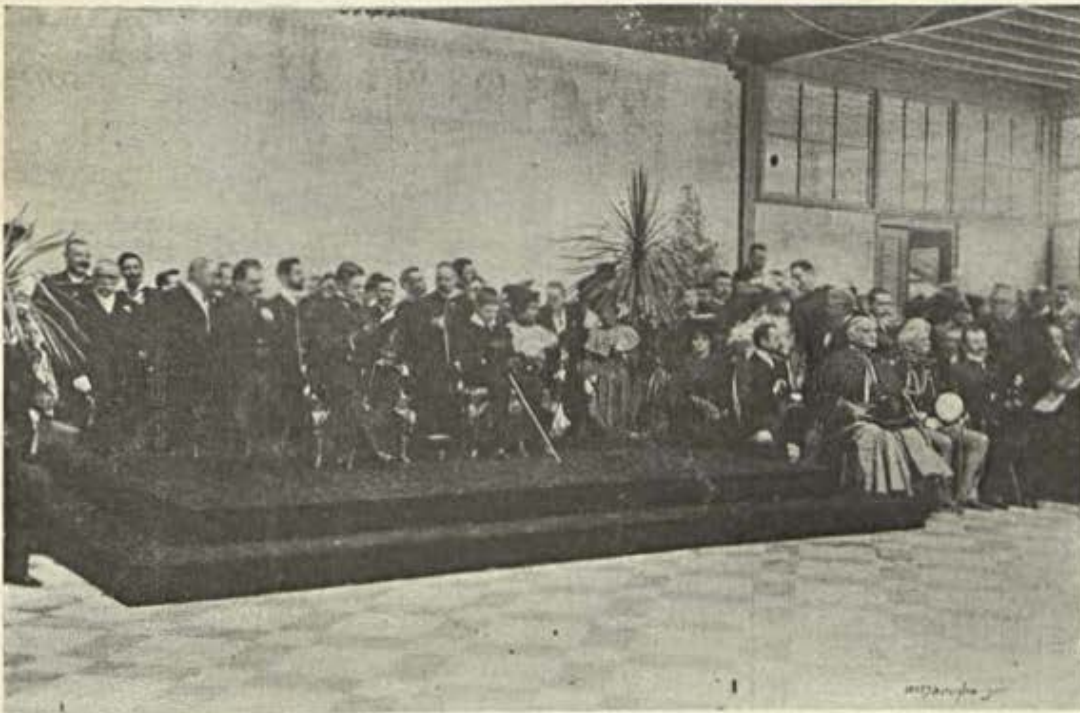
Cons. Hintze Ribeiro
Presidente do Conselho

Page Bryan
Ministro da America em Lisboa.

hygiene do espirito como para a hygiene da materia, proporcionando aos seus alumnos uma esmerada educação physica e intellectual, offerece todos os annos á capital o regalo de uma linda festa, em volta da qual reúne um grande publico, em que se notam gerações diversas de antigos alistados, que ali vão como que a matar saudades e a reviver alegrias.

A festa d'este anno vimos, com prazer, presidindo Suas Altezas Reaes e Principe D. Luiz Pilippe e o Infante D. Manuel, que seguiam com grande interesse e carinho os exercicios dos differentes grupos, associando-se ás ovações que premia vam, a cada momento, a disciplina, a dextreza e a elegancia com que todos elles eram executados. Gymnastica, esgrima, jogo de pau, dança, marchas e cantos, a tuna e a fanfarras escolares, tudo foi saudado ruidosamente, delirantemente até o ultimo numero que encerrou o programma festivo do dia, que principiára de manhã, pelo ceremonial da Primeira Communhão e Chrisma, na nova Capella da Escola, ministrados pelo reverendo bispo de Coimbra, uma das figuras mais sympathicas e mais respeitaveis do nosso clero.

Foi, emfim, um dia completo que a *Escola Academica*



Escola Academica — Suas Altezas o Príncipe Real e o Senhor Infante D. Manoel

marcou como um dos mais gloriosos no seu livro de ouro e que deve ter enchido de jubilo o seu director, dr. Jayme Mauperrin Santos, cuja actividade e intelligencia e um justo e grande amor pela sua obra encontram no dr. Antonio de Sousa e Silva uma collaboração valiosissima para o grande exito que alcançam as suas iniciativas, ainda mesmo as mais arrojadas e as mais difficéis.

O que é gozar

O característico dos Estados Unidos e sobretudo de New-York

é a pressa. Não nos Estados do sul, a Florida, Virginia, New Mexico, etc., onde reina a insolencia meridional, onde o sol é quente e os pretos numerosos. Mas nos Estados propriamente yankees onde ha pouco se vivia a vapor e hoje se vive por electricidade, enquanto se não achar nada mais rapido.

Já hoje em New-York ninguem escreve aos seus amigos de Chicago. Fala-se-lhes pelo telephone. Só os millionarios e as mulheres é que andam a pé. Os outros não tem tempo. Os pobres andam de caminho de ferro aereo, ou de carro electrico, ou de *cab*, ou nas suas proprias carruagens conforme o grau de pobreza de cada um.

A primeira condição para

guerra, é claro. Na parte commercial de New York ha restaurantes especiaes para *quick lunch*, o *lunch rapido*. O *lunch* é a comida ingleza do meio do dia. Toma-se entre a uma e as duas da tarde. Corresponde ao antigo jantar, como o *afternoon tea*, o chá da tarde, corresponde á merenda, dos tempos bons em que se almoçava, jantava, merendava e ceava. Tempos de boa moral e melhor estomago eram esses! E' verdade que eu já vi n'um jornal hespanhol a noticia d'um *lunch* ás 8 horas da noite, e numa gazeta elegante de Lisboa a d'um *five o'clock tea* ás 2 horas da tarde. Quando eu estranhei o caso observaram-me que ha gente que vai ás regiões hyperboreas ver o sol da meia noite. Dei-me por satisfeito.

Mas em New York, o sol é ao meio dia e o *lunch* da 1 para as duas. E a hora dos negocios, portanto é preciso *lunchar* depressa.



Escola Academica — Grupo de alumnos, depois da communhão

um secretario particular é saber tachigraphia: para não perder tempo. O patrão dicta, o secretario estenographa e passa a limpo á machina. O homem não é um homem: é um motor, á falta de outro melhor. O cerebro não é um cerebro: é uma fornalha. Sempre que se podem substituir os braços do homem pelos braços da alavanca substituem-se. Não ha quem invente uma coisa mais rapida e mais precisa que o cerebro do homem? Na America tem-se experimentado o cerebro da mulher. E' indubitavelmente mais rapido, mas propenso a divagações illogicas. Depois, para machina, o cerebro feminino tem, no dizer dos entendidos, um grande inconveniente. Desarranja-se facilmente e é muito difficil de arranjar. Tal qual como os navios modernos, o que os não impede de terem uma grande potencia aggressiva e destruidora. Refiro-me aos navios de

Vae-se ao *quick lunch room*. Entra-se, o *lunch* frio está sobre a meza, come-se de pé, paga-se antes d'elle chegar ao esophago, e ainda o *roast beef* e o queijo vão navegando a caminho do estomago e já o moço do restaurante nos enfiou o casaco e nos poz o chapéu na cabeça. E ainda nós não realijámos que começámos a nossa refeição e já nos achamos na rua, de chapéu ás tres pancadas, a correr para o escriptorio.

Pois ainda ha quem não tenha tempo para o *quick lunch* e o substitua por pilulas alimenticias, *lunch tablets*. E' carne concentrada n'uma pastilha. Não sei quanta carne, mas a necessaria para alimentar um homem. Um estrangeiro a quem deram essas pastilhas, e que não lhes conhecia as propriedades raras, comeu uma caixa d'ellas. Tinha comido um boi inteiro. Se não lhe fôsem á mão, quando, tardiamente, deram pelo equivoco, era capaz de comer uma manada. Ha porventura outro paiz no mundo onde um homem, por mais famélico, devore uma manada de bois em dez minutos? E' isto que eu chamo rapidez.

Qualquer comboio de caminho de ferro faz 300 kilometros por hora; quer dizer, um viajante nos Estados Unidos percorre uma legua n'um minuto. E ainda isto não é nada. E' vulgar em menos tempo percorrer de caminho de ferro a distancia que vae d'este mundo ao outro.

Vive-se depressa. Morre-se depressa. Morre-se muito e nasce-se pouco nos Estados Unidos. Os moralistas e os philosophos preocupam-se com a insufficiencia da natalidade. Mas os moralistas e os philosophos são geralmente estrangeiros. O cidadão americano não tem tempo para se preocupar. Isto de nascerem creanças, que é preciso crear, educar, que teem de crescer, é tudo uma perda de tempo. Lá virá o futuro em que tudo isso se fará á machina. Já se escrevem á machina as cartas de namoro. Mas, enquanto as



Escola Academica — Outro grupo de convidados

Bispo conde de Coimbra Frederico Maupercin Santos Jayme Mauperrin Santos
Frederico Palha Dr. Nogueira Souto Antonio Centeno
J. A. Costa Pinto Conego Rego Eugengheiro Brandão

creanças se não fazem á machina, a America importa-as já feitas. Feitas, creadas, crescidas, barbadas. Na Irlanda, na Italia, na Polonia, em toda a parte onde não ha mais nada que fazer, fazem se cidadãos americanos, que se exportam para New York ás centenas de milhares por anno.

O resultado d'esta pressa em que se vive são as neurasthenias frequentes. Toda a gente na America tem na sua vida um periodo de neurasthenia. Porque a vida, além de tudo, é complicada. Viver á machina não é uma coisa tão simples como parece, á primeira vista. Compenetra se a gente da necessidade de viver depressa. Está-se sempre na ansiedade de perder o comboio, no receio de atropelar, com a alternativa de ser atropelado, no perigo de ir jantar com mr. Smith, quando o convite é para casa de mr. Brown. Isto sem falar na agonia de encontrar mistress Williams com mr. Jones e perguntar-lhe pelo nosso amigo Williams, sem saber que ella se divorciou antes de hontem do nosso amigo Williams e casou hontem com o nosso amigo Jones, alli presente.

Só atravessar a sexta Avenida basta para endoidecer aquelle que escapar vivo da travessia. Mais d'uma vez eu quiz segurar a vida no *trottoir* da direita antes de passar para o da esquerda. Mas ainda nenhuma companhia de seguros de vida se aventurou a pôr succursaes nos *trottoirs*. Seria a sua ruina. Ao longo da Avenida corre a linha do caminho de ferro aereo. Por baixo do caminho de ferro, carros electricos em filas de vinte ou trinta seguindo-se com intervallos de meio metro, pesadas carroças com enormes cavallões que fazem estrepito na calçada, cabos, policias, a multidão que se acotovella. Quando um infeliz, depois de esperar um quarto de hora por uma aberta, se decide a atravessar e se acha no meio da larga Avenida, ouve por cima de si — brrrrr — pom, pom, pom — é o comboio que passa, e o infeliz perde a cabeça e fica neurasthenico para o resto dos seus dias.

Depois ha a considerar o inventor. Ser inventor nos Estados Unidos é uma profissão. Em qualquer paiz menos especializador, um homem que se dedica a uma determinada especie de trabalhos ou de estudos, no meio dos seus trabalhos ou dos seus estudos tem uma idéa que lhe é suggerida pela necessidade de aperfeçoar o existente, ou muitas vezes por uma circumstancia fortuita. Explora essa idéa, realisa-a, e tornou-se *ipso facto* inventor. Mas nos Estados Unidos não ha tempo para isso. Quem quizer inventar, invente. Mas então não ha de fazer mais nada.

Ha inventores como ha sapateiros, advogados e engenheiros. Vae um homem para sua casa e senta-se a parafusar, a parafusar... Tanto parafusa que inventa alguma coisa. Pode ser util, pode ser inutil. Ha quem lhe explore o invento, tira-se a patente e seja o que fór tem sempre mercado. O inventor não faz mais nada senão inventar. Para as coisas complicadas o inventor inventa o meio de as simplificar. Para as coisas que não podem ser mais simples o inventor acha a maneira de as complicar.

Na Europa, toda a gente sabe o que é um par de botas. Quem



Escola Academia — Um grupo de senhoras assistindo á festa



Escola Academia — Uma sessão de gymnastica sueca'

precisa ir ao sapateiro, encomenda um par de botas, e já sabe pouco mais ou menos o instrumento de tortura que d'ahi lhe resulta. Nada d'isso nos Estados- Unidos. Ha mil inventores que inventaram mil fórmulas de botas: a imperial, a hygienica, a racional, a natural e tantos outros nomes!

Umás são redondas nos dedos pequenos e bicudas no dedo grande; outras são todas redondas; outras são quadradas, e cada uma d'ellas tem as suas vantagens e todas são perfeitas. Infelizmente o que é imperfeito são os nossos pés: nunca ajustam n'aquellas botas.

A camisa é o alpha e o omega da vida humana. É a primeira coisa que nos vestem ao nascer. É a ultima coisa que nos tira o fisco. Depois de nos tirar a camisa, só nos pode tirar a pelle. O mesmo que se diz do fisco se pode dizer do pudor. Encontramos a camisa no berço e levamos a para a sepultura. Uns vão de mortalha, outros vão de farda: todos vão de camisa. Parece que não ha nada mais simples e mais avesso a invenções que a camisa. Pois um inventor americano pegou n'essa roupa, tão primitiva,

tar-se debaixo d'uma acacia a olhar para um repuxo que se eleva e cae como uma pluma branca. Acerca-se um companheiro e pergunta-lhe:

— 'Olá! que faz o senhor por aqui.

— Nada. Estou a gozar.

E o outro senta-se-lhe ao lado para gozar tambem.

O americano ganha rios de dinheiro, a americana gasta oceanos

tão honesta, tão sincera, e fez d'ella uma coisa extranha, falsa, com o peitilho hermeticamente fechado e coz abotoado atraz em que um homem tem de entrar subrepticamente pelas costas.

Imagine-se na pressa da vida de New York um homem sem saber por onde ha de entrar e por onde ha de sair na sua propria camisa e ter-se-ha uma das muitas causas da neurasthenia, que é endemica na grande metropole americana.

É a febre de viver. E eu penso na minha terra, onde um honesto commerciante retirado dos negocios vai para os jardins publicos á tarde, pachorrenamente, sen-



Escola Académica — Uma sessão de esgrima

de dinheiro. O americano é luctador e energico. A americana é bella e alegre. Trabalham, riem, divertem-se, flirtam, amam... Mas uma coisa não podem fazer, nem um nem outro — por falta de tempo talvez, decerto por não saberem: não podem gozar. Gozar de quê? gozar de nada, gozar verbo intransitivo, gozar talvez de estar retirado dos negocios, sentado n'um banco debaixo d'uma acacia.

Isso é gozar, o mais é viver.

VISCONDE DE SANTO THYRSO.



E. Sampaio (Bruno)

Publicista notavel pela castidão da sua erudição, o auctor do «Encoberto», livro historico recentemente publicado e elogiado pelos que se interessam por estudos do genero, accentua na sua nova obra as altas qualidades de erudito e de critico sempre reveladas em todos os seus escriptos. E. Sampaio, mais conhecido no mundo das letras pelo pseudonymo de «Bruno», merece bem a singela homenagem que aqui lhe presta o «Brasil-Portugal».



Dr. Bernardino de Campos

Ex-Presidente do Estado de S. Paulo (Brasil)

Não é um desconhecido para os leitores do «Brasil-Portugal» o illustre estadista brasileiro que durante 15 dias honrou Lisboa com a sua presença e a quem o nosso paiz e a colonia portugueza devem assignaladas provas de sympathia e estima. Presidente do Estado de S. Paulo, por duas vezes, revelou qualidades notaveis de administrador e de politico. Antigo deputado, antigo chefe de policia, antigo presidente da assemblea constituinte, antigo ministro da Fazenda, em todos esses cargos se mostrou um homem de acção e um politico de grande tacto.

O dr. Bernardino de Campos partiu para Paris no dia 14.

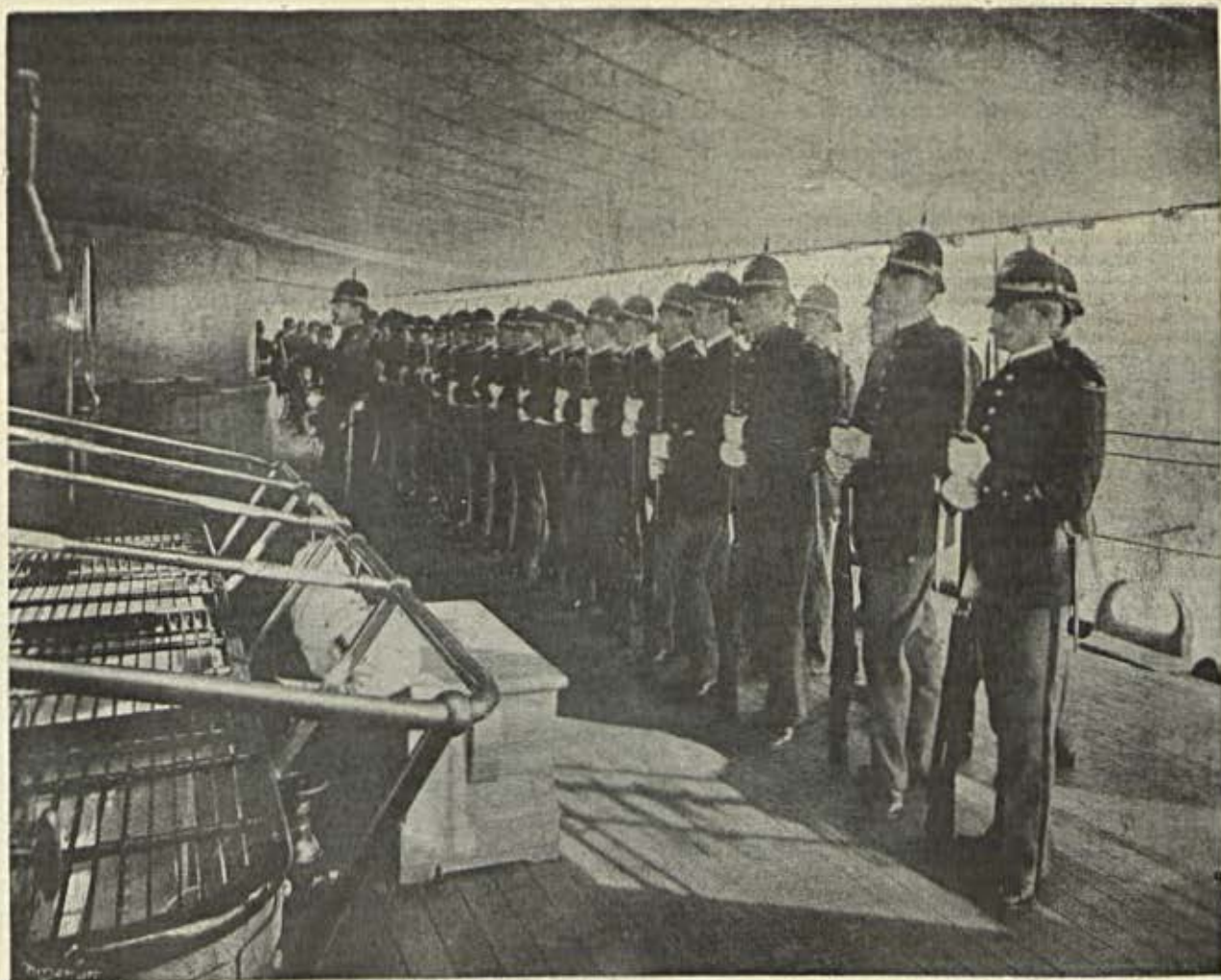


Uma caçada em Mapuçá (India Portugueza)

Officiaes da canhoneira «Zaire»



A esquadra americana — O navio almirante «Kearsarge»



A esquadra americana — Formatura de soldados de infantaria de marinha a bordo do «Kearsarge»



Coimbra, Portugal

Manutenção militar — Quartel da Companhia de Subsistencia inaugurado em 6—6—904

A personalidade

Do ex.^o sr. Alfredo Pinto da Cruz da Rocha Peixoto, a propósito do seu bello e bem desenvolvido estudo, publicado n'uma serie de numeros do Instituto de Coimbra, sobre a personalidade jurídica.

No momento actual estão-se travando luctas entre os povos para a posse dos ultimos rincões da terra, multiplicam-se os congressos, succedem-se com frequencia as exposições universaes e os inventos, ha um estranho influxo a impellir-nos para o movimento febril da vida moderna, todos querem caminhar depressa e quasi que nem se admite o volver os olhos para o caminho arado para lhe medir, ao menos, os longos estadios percorridos.

Vemos a velha Russia a debater-se nas agonias produzidas pela guerra intestina e pela estrangeira, o ferreo despotismo, o Santo Synodo, o Knout, tudo prestes a cair perante uma civilisação nova, cuja luz tenta penetrar hoje com mais força no limo das masmorras, em que a selvageria moscovita va encerrando de longa data quem ousa pensar n'aquella terra de fanatismo religioso e do mais crasso obscurantismo.

N'esta vertigem, que de nós se va apossando, já não é ponceo o ir seguindo com amor e esmero no remanso do gabinete um assumpto de poucos comprehendido e da grande maioria do publico quasi inteiramente desconhecido, apesar de quasi todos virem n'um dia, mais ou menos proximo, a sentir as funestas consequencias da sua ignorancia.

A lição dia a dia colhida na agitada época, que ora atravessamos, em que uma grande copia de exemplos de fóra, do mais palpitante interesse, se va juntando ao vasto peculio que já possuímos, leva-nos devéras a pensar na immensa resultante de idéas e de factos, que representa uma civilisação.

Se a Inglaterra — o exemplo mais espantoso que na materia sujeita o mundo tem apresentado até agora — quiz desenvolver-se e attingir o poderio, patenteado hoje por esse immenso imperio, foi lançar bem fundo es alicerces do magestoso edificio, firmou-se nos seus codigos antes de ir por albeios mares soltar a bandeira aos ventos da terra; em quanto que os outros, menos precavidos, conscios de que o mundo só podia ser destinado a theatro de heroismos, quedaram-se a rever-se n'uma obra, de que não souberam tirar as naturaes consequencias, perdida pela maior parte, como a de Alexandre, o Grande, o qual só chegou a ter de seu o que lhe quizeram deixar.

Como contraste, não vimos a Hespanha de outras éras levar por toda a parte a sua intolerancia, um feroz despotismo e tudo perder? e ha poucos dias, ainda, dois homens, dos mais illustres, mas cuja illustração não é das mais uteis, insurgiram-se n'uma sessão solemne da academia contra o ensino obrigatorio

e o desenvolvimento da instrucção!? Disso-se, e com grande fundamento por occasião da guerra franco-prussiana, que um grande contingente para as victorias allemãs tinha sido dado pelos professores de instrucção primaria. Foi realmente quasi tanto, como é devido ás delapidações dos francezes antes da guerra, os quaes, a que no dizer de Le Boeu' não faltava um só botão, careciam de tudo o preciso, como os russos de hoje.

Per isso, as recentes declarações na academia hespanhola assaz nos catão lembrando, que aquelles historiadores não revelam a mais somenos aptidão para o estudo da historia contemporanea.

A personalidade jurídica! Que serie immensa de questões n'esta simples phrase se condensam! D'essa variavel no tempo e no espaço brota um mundo inteiro nas luminosas regiões do pensamento.

E' a pedra angular do moderno edificio do direito, nem sempre respeitáda através dos tempos, e ainda hoje infelizmente, como vamos presenciando n'alguns paizes.

Quando a rapina e a prepotencia eram a lei do viver commum, quando se queria dar uma pauta de ferro até aos mais intimos sentimentos e pensamentos, o respeito do homem pelo homem só podia medrar ao clarão das revoluções, ao fragor de bem feridas batalhas — lançavam-se os



Coimbra, Portugal

Manutenção militar — Visita de El-Rei acompanhado dos ministros da guerra e dos estrangeiros, General de Divisão, Coronel J. Parreira e Duval Telles, Capitão-tenente Pinto Basto, etc.

alicerces das civilizações, que iam sendo assim cimentadas com o sangue das victimas, despontava o direito, susceptível de indefinida perfectibilidade, destinado a servir de guia aos povos na longa evolução pelos seculos fóra.

Ao assignar a cada um dos membros do corpo social a area em que tem de desenvolver a sua acção, ao limitar o campo da liberdade propria nos lindes da liberdade alheia, surgia essa personalidade collectiva — o estado — o poder central, que a todos se impõe e tem de exercer no mecanismo social funções analogas ás do volante nos mecanismos das officinas; poder, a que us desejam alargar desmesadamente o ambito das attribuições e outros restringir, mas do qual não se prescindia, e que deve em todas as épocas ser sufficientemente forte, para — dentro dos limites da propria necessidade — se poder desempenhar da ardua tarefa, imposta pelas exigencias do viver commum.

E' de vêr o que se está dando com o Japão, espelho de monarchias e de republicas, de todas as velhas instituições, que não poderam nunca encontrar nos simples nomes com que se decoram, e de que ás vezes se desvanecem, o privilegio de tornar o povo sensato, illustrado e activo, de se expandirem em profenas manifestações de força civilisadora. Depois da celebre exposição de Yokohama, ha poucos annos realisada, um verdadeiro prodigio no dizer dos mais abalizados criticos, que ali poderam admirar maravilhas da arte, veio a recente guerra demonstrar aos olhos de todos o que ali valem a sciencia e a industria. Não querem tambem ceder aos mais apurados em requintes de gentileza e a maneira de tratar os prisioneiros, tornando-lhes o captivo munitissimo mais supportavel que as agruras do patrio despotismo... dando-lhes até os sau-



Clube Esportivo

Manutenção militar — Amassadeiros de campanha



Clube Esportivo

Manutenção militar — Fornos de campanha trabalhando

tos da religião russa... sem se importarem que esse culto seja diverso do seu... todos esses rasgos de humanidade, de tolerancia, de levantado altruismo, não impedem que o poder central seja muito forte, tão forte, como nenhum imperador, como nenhum dos mais assignalados invasores de territorios, ainda possuiu, porque está radicado na consciencia e no coração de todos, que se batem e sabem morrer com alegria e honra pelo seu paiz, pela alta missão historica que lhe está destinada, a qual ninguem ha tão pouco illustrado, que deixe de comprehender.

Exalte-se embora em qualquer academia a ausencia de virtudes civicas dos povos que morrem; mas cá fóra, ao ar livre, sob o influxo benéfico dos raios do sol, que a todos vivifica, e á luz não menos benéfica da sciencia, para cujo brilho elle tanto tem contribuído, baloicemos os nossos thurybulos perante o povo, que, erguendo-se do longo torpôr de seculos, se levanta como um só homem e a todos impõe o seu direito de viver para a civilização — sobretudo á Russia, obrigando a largar mão d'essa Manchuria, cuja posse, verdadeiro acto de rapina, vae estando seriamente comprometida, apesar de S. Nicolau e do testamento de Pedro o Grande.

A liberdade individual, justamente comprehendida, e um poder central, benéfico e bastante forte para bem poder desempenhar as suas funções, são os dois pólos em torno dos quaes tendem a gravitar as sociedades, e as, que não giram já em torno d'esse eixo, lá vão a ferro e fogo caminhando para o termo fatal do seu movimento.

Entre o despotismo e o excidio da sociedade pela dissolução dos laços, que a todos devem prender, ha este justo termo. Preconizou-se já muito e ainda hoje conta muitos adeptos a idéa de alargar sem limites o

ambito da liberdade individual; e' isto, como em tudo ha um terrivel mas, e não viria fóra de proposito o recordar aqui os prejuizos d'esta orientação, derivados tanto para a metropole inglesa, como para a florescente republica dos Estados Unidos da America do Norte. Do extenso sudario lembrarei apenas o que resultou para as vias ferreas; ao reecortar-se o sólo para lançar a réde de viação accelerada, entendeu-se que a todos assistia o mesmo direito da concessão de uma linha ferrea entre dois pontos quaesquer, e aos que se apresentaram a pedir-a foi igualmente dada. De uma liberdade, assim entendida, resultou o haver dentro em pouco mais de um caso de existirem entre duas povoações quatro linhas ferreas diferentes. As companhias rivaes, depois de uma guerra espantosa de tarifas, quebravam com passivos enormes, o monopólio, cada vez menos restrito, ia campeando, mas as linhas ficavam, rivalizando sempre e onerando as despesas do trafego.

Estas rédes de viação, pela complexidade de relações juridicas que vieram estabelecer, fornecem muitos outros exemplos.

A centralização, que em França tem sido instrumento, manejado ás cegas por todos os governos, está bem patente no desenho da sua réde ferro-viaria — e deve dizer-se que n'este ramo a acção do poder central tem sido benéfica, fazendo com que as grandes companhias, e até elle proprio no que lhe approveu explorar, funcionassem perante o publico, como uma unica entidade administrativa dirigindo uma unica réde, seguindo sempre a mercadoria o trajeto de menor dispendio e sendo facilitado ao viajante o seguir sem prejuizos demoras o de maior velocidade. O cesarismo allemão



Clube A. Neves

Manutenção militar — O ministro da guerra no seu automovel, acompanhado do seu chefe de gabinete, major Sarfield, e ajudante de ordens, capitão João de Oliveira



Cliché A. Neves* **Manutenção militar — El-Rei visitando as dependencias**

reconhece-se no systema radial, cortando rasgadamente tudo o que se havia feito antes de proclamada a grandiosa unidade.

Não falta, pois, ensejo, nem interesse para largas explanações no vastissimo assumpto, cujos preliminares teem, ha mezes, sido magistralmente traçados n'um dos nossos primeiros jornaes scientificos.

I. F. MARECAS FERREIRA.

As nossas gravuras

Padrão da Misericórdia de Oliveira d'Azemeis. — O padrão, ou cruz processional da Santa Casa da Misericórdia de Oliveira d'Azemeis, do qual demos duas gravuras no numero 129, é mais uma obra prima do eminente escultor Teixeira Lopes. Foi por elle generosamente modelado, sobre um *croquis* feito por seu irmão, o distincto architecto José Teixeira Lopes.

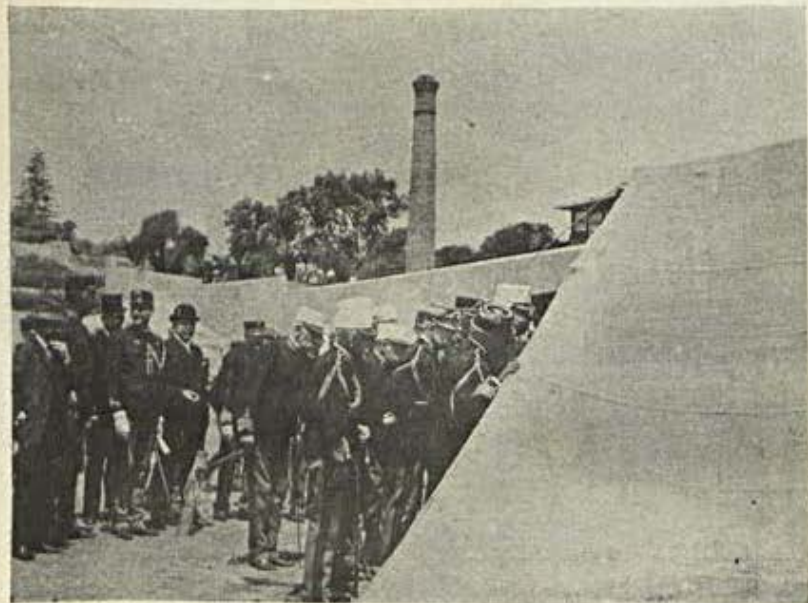
A' correcção das formas junta-se o primor da modelação.

Fundido o padrão nas officinas do sr. Adelino de



Cliché A. Neves

Manutenção militar — Fabrico e forno de pão



Cliché A. Neves **Manutenção militar — El-Rei examinando os fornos de campanha**

Sá Lemos, cunhado de Teixeira Lopes, foi esse difficil trabalho executado com a maior pericia, de modo a poder affirmar-se afoitamente que já temos em Portugal quem execute a fundição da Arte, com a mesma perfeição com que se executa lá fora. Com isto muito nos congratulamos.

O padrão foi executado por empenho do provedor da Misericórdia sr. Cuetano da Costa Seabra, que tem sido dedicadissimo pelo engrandecimento da Misericórdia Oliveirense.

Bodas de ouro do «Commercio do Porto». — As gravuras das nossas duas primeiras paginas representam os festejos realizados nos dias 1 e 2 de junho, no Porto, commemorando o 50º anniversario do importante diario dirigido hoje pelo sr. Bento Carqueja. Mais um bairro operario se inaugurou na capital do norte, a expensas do *Commercio do Porto*; na cathedral commemorou-se o passamento dos fundadores e dos collaboradores antigos da folha; nas salas do jornal distribuiu-se o premio ao auctor da melhor obra litteraria apresentada em concurso; de Lisboa foram assistir ás festas muitos dos collaboradores actuaes do jornal; e á alegria e desvanecimento dos proprietarios e redactores de hoje, correspondem o entusiasmo e a estima do publico, que, n'uma espontaneidade tocante, concorreu com generosa iniciativa para a obra philantropica do jornal.

Esquadra americana em Lisboa. — Por absoluta falta de espaço, não damos em gravura todos os navios da esquadra que ha quinze dias se

acha no Tejo. O navio almirante *Kearsarge*, um vaso de guerra de primeira ordem, mostra bem o aperfeiçoamento a que chegou a marinha dos Estados Unidos. Publicamos os retratos do almirante Barker e de alguns officiaes americanos.

J. H. Thieriot. — Aproveitamos o ensejo da vinda da esquadra americana ao Tejo para darmos o retrato de mr. Thieriot, consul geral dos Estados Unidos da America em Lisboa, onde já representou a grande republica como encarregado de negocios. Educado no celebre collegio do dr. Bülow, em Hamburgo, começou a sua carreira como agente commercial em Freiburg, de onde veiu para Portugal. Descende de uma familia huguenote que, depois da revogação do edicto de Nantes, emigrou para a Saxonia e mais tarde foi para a America. Seu avô foi honrado com a amizade de Frederico Augusto. Seu hisavô foi escriptor distincto: editou, o primeiro, as obras de M^{me} de Sévigné, e, por intermedio de Voltaire, que o tinha em grande estima, foi nomeado correspondente litterario de Frederico o Grande.

Mr. Thieriot fala correctamente varias linguas, incluindo a portugueza, é casado com uma illustre senhora descendente de uma familia nobre do Languedoc, e pelas suas qualidades de espirito e lhaneza e trato conquistou geraes sympathias entre nós. Tendo um logar áparte na sociedade portugueza, o *Brasil-Portugal* marca-lhe um logar na sua galeria.

Manutenção militar. — A propósito da inauguração de um novo quartel para a companhia de sub-

sistencia, damos varias gravuras das dependencias d'esse estabelecimento, que é um modelo no genero, hoje dirigido pelo sr. coronel de engenharia J. Parreira.

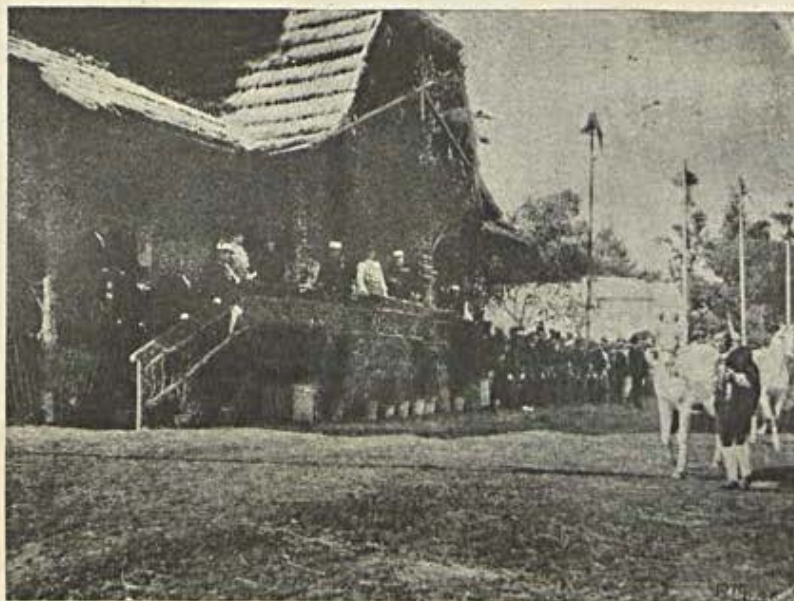
Exposição hippica. — Realizou-se, na Tapada da Ajuda, uma curiosa exposição de solipedes, tendo-se apresentado alguns exemplares lindissimos. Obtiveram premios animaes apresentados pelos srs. Palha Blanco, marquez de Castello Melhor, Reynolds, Andrade, tenente-coronel Cunha Vianna, capitão Pedroso, capellão Anão, de cavallaria 2; capitão Pessoa, commandantes da guarda municipal, de cavallaria 4 e de artilharia 1, por terem sido premiados animaes pertencentes áquelles regimentos; e ainda os srs. Coutinho, Veiga, tenente Beltrão e alferes Cardoso dos Santos.

Bandeira. — Reproduzimos a bandeira do corpo de guardas-marinhas que serviu no juramento do Senhor Infante D. Manuel, cerimonia effectuada na Sala do Risco, do Arsenal.

Proceissão do Corpo de Deus. — D'esta tradicional festa, hoje já muito mdestamente celebrada, damos tambem duas gravuras.

O Santo Antonio

No sabbado que vem é a festa de meu pae.
Minha mãe em quinze dias já m'o disse sessenta vezes.



Clótho A. Neves

Exposição hippica na Tapada da Ajuda — A tribuna real



Clótho A. Neves

Exposição hippica na Tapada da Ajuda — Gado da Casa Real

A festa de meu pae!

Os meus sustos augmentam quando miha mãe me diz que devo offerecer um vaso com flôres.

Como isto ha de ser difficil!

Mas minha mãe sabe como se exprime a commoção e a alegria de ter de felicitar seu pae por se chamar Antonio!

E fazemos ensaios!

Primeiro que tudo dou cabo de tres folhas de papel para discursos; por mais que deite a lingua de fóra, e que a volte e que a encolha ao fazer as letras maiusculas, bórro os o o, encho de tinta as caudas dos g g, e faço sempre tollice quando escrevo a palavra «Alegria.» Isto custa-me uma serie de puxões d'orelha. Ah! que me sae cara a festa de meu pae!

Emfim, chego a obter entre filetes d'ouro coloridos de róxo e levados por pombas, algumas phrases que teem o ar de ebrias, tanto as palavras differem d'attitude, por causa das pausas que fiz a cada syllaba para bem as enfileirar!

Minha mãe resigna-se e decide que não está para se arruinar em mais cadernos de papel; assigno — ainda um borrão — ainda um sopapo. — Acabou-se!

Falta regular a cerimonia.

«O papel assim, o vaso de flôres assim, tu avanças...»

Avanço e quebro dois vasos que figuram o futuro vaso de flôres; — são quatro sopapapos, dois por vaso.

Já é tempo de que chegue o famoso dia: de noite so-

«E' a festa — de — teu — pae.»

Repete-me isto n'um tom um pouco irritado; segundo parece, não tenho ainda um ar de bastante surpresa.

«Teu pae chama-se Antonio.»

Sei-o, e não sinto nenhum calafrio; não ha n'isto nem o mysterio nem o espanto d'uma revelação. Chama-se Antonio, ora ahí está.

Sou sem duvida um mau filho.

Se tivesse coração, se amasse deveras meu pae, o que ella me diz deveria produzir-me mais effeito. Dou tractos aos miolos, dou murros sobre o peito, apalpo me e coço-me; mas não me sinto nada mudado, reconheço-me ao espelho, sou o mesmo, feio e sujo. E contudo a sua festa é no sabbado!

— «Já estudaste o teu discurso?»

Acham-me um tanto crescido para estudar um discurso; não sei como me heide atrever a entrar no quarto, o que é preciso dizer, se é preciso rir, se é preciso chorar, se devo atirar-me ás barbas de meu pae e enterrar por ali dentro o meu nariz — bem limpo, sem duvida! — se será filial apoiar-me, demorar-me um instante, ou se será melhor largal-o de repente, afastar-me ás arrecuas, com signaes de commoção, murmurando: «Que lindo dia!» E n'este momento é que hei de começar:

«Sim, querido papá...»

Até já tremo. Tenho medo de ter um ar tolo...

— Não; tenho medo de que se perceba que eu gostava muito mais que se não tratasse da sua festa...



Clótho A. Neves

Exposição hippica na Tapada da Ajuda — Os picadores



Clara Ilustri

Bandeira do corpo de guarda-marinhas, sobre que jurou o sr. Infante D. Manuel

nho que ando descalço sobre braças e que me embrulham entre róis de papel para discursos.

A compra do vaso provoca uma grande desordem na praça do mercado. Minha mãe pega nos vasos e cheira-os como se fosse caça; desarruma bem um cento antes de se decidir, e os vendedores começam a zangar-se! — Desarranjou as filas, alterou as classificações, misturou as famílias; um botânico perdia-se na confusão!

Começam os insultos, as palavras grosseiras para ella e para seu filho que não hesitam em chamar fuhna e aborto. É o mo-

se trata. Sabe tudo; hontem mesmo deitou por terra o geranio mal escondido, e vi que o levantava á surdina e o arrebicava com um gesto furtivo.

Esteve quasi a pôr a mão sobre o discurso enrolado, engommado. Pois eu tinha-o escondido na mezinha da cabeceira.

Sabe tudo, mas finge, ingenuo como uma creança e bom como um patriarcha, ignorar tudo. É preciso que isto seja uma surpresa a valer.

Chega a manhã do dia solemne; elle está na cama.

«O quê! É a minha festa?!»

Com um sorriso, volvendo os olhos para minha mãe:

«Já tão velho! Bem, deixem-me beijal-os!»

Beija minha mãe, que me segura pela mão como Cornelia conduzindo os Graccos, como Maria-Antonietta arrastando seu filho. Larga-me para cair nos braços de seu marido.

É chegada a minha vez: eu julgava que se dizia primeiro o discurso, e que só se dava o beijo depois do vaso de flores. Pelos modos beija-se antes.

Avanço.

Seguro o geranio de onze soldos e o rôlo, o que me incommoda para subir até elle.

Meu pae ajuda-me, acha-me pesado; levanto uma perna, — escorrego. Meu pae agarra-me, é obrigado a segurar-me pelo fundo das calças e dou uma reviravolta no ar.

Não é o meu rosto que elle tem diante dos olhos; eu mesmo não posso ver o seu. Que posição!

Depois sinto o geranio que se escorrega; escorregou, e toda a terra cae por cima da cama.

Expulsam-me do quarto a ponta-pés e não posso gozar do prazer de

mento de fugir. Ao fim da praça minha mãe pára e diz-me:

«Jacques, vae dizer ao gordo — aquelle que está lá no extremo, — se te quer dar o geranio por onze soldos.»

E preciso que eu volte a este inferno, que me approxime d'aquelle gordo; aquelle justamente que me chamou aborto.

Tenho arripios. Mas não ha remedio senão ir; tenho o ar de quem procura um alfinete; marcho com os olhos pregados no chão, as pernas apertadas, e offereço os meus onze soldos.

O gordo tem piedade, e dá-me o geranio sem se rir muito de mim. Os outros tambem não são muito crucis, e vou ter com minha mãe levando comigo esta flôr que é o emblema da nossa alegria.

*Accepte cette fleur
Qui pousse dans mon cœur.*

Sexta feira á noute.

Sexta feira á noute, ensaio geral, no mysterio e na sombra.

Meu pae — Antonio — mostra que não sabe de que



Clara A. Neves Procissão do Corpo de Deus — O ministerio e altos dignitarios á porta da Sé Cathedral aguardando a chegada de Suas Magestades



Clara A. Neves Procissão do Corpo de Deus — O pallio. A vara da direita El-Rei; á da esquerda o Presidente da Camara Municipal de Lisboa, conselheiro Antonio de Azevedo. Castello Branco

beijar meu pae, de ser beijado por elle no dia da sua festa; mas tambem não tenho de ler o discurso, o que me consola!...

JULES VALLES.

Um pae

A Eduardo Schnalbach Lucci

N'uma voz trovejante, de commando,
Despede a corja o immundo taberneiro;
«E' tarde», diz... e exige o seu dinheiro.
... Finalmente dos bohemios sae o bando.

E, enquanto a taberna vae fechando,
Todos cantam em côro chocarreiro,
Das bocas exhalando um acre cheiro
A vinho, e a cachimbos fumegando.

Uma creança, pura como um lirio,
Approxima-se e pede... Loira e triste,
Tem nos olhos a sombra do martyrio!

— Oh! que achado! diz um. Quem me resiste? ..
Um velho, então, mais pallido que um cirio,
Grita: — «Alto lá!» — e põe a faca em riste.

Janeiro — 1904.

THOMAZ D'EÇA LEAL.



J. H. Thieriot
Cousul geral da America

Impressionista

Nos castellos da Escocia incongruente,
Todos envoltos de azulada luz,
As brancas miss que o luar seduz
Scismam nas horas castas do poente.

Ao longe chora o mar omnipotente
Como um leão pregado n'uma cruz;
E o céu é como um vidro que reluz,
Ou largo trecho d'uma nevoa algente.

Couraçadas de seda, olham scismando
O extenso azul d'um oceano uivando,
As miss loiras como gemmas d'ovo...

E em toda aquella paisagem morta,
Do espaço escorre sobre a alma absorta
A extrama-unção d'um pessimismo novo!

XAVIER DE CARVALHO.



Almirante Barker
Commandante da esquadra americana

Monumento a Pinheiro Chagas

O *Brasil-Portugal* associa-se com entusiasmo á ideia da *Mala da Europa*, que, nas suas columnas, abriu uma subscrição publica, no Brasil e em Portugal, para com o seu producto se erigir um monumento ao illustre escriptor Pinheiro Chagas.

A Empreza d'esta Revista appella para todos os portuguezes no Brasil, e para todos os brasileiros admiradores do glorioso homem de letras, que desejem concorrer para esta justissima consagração.

Quaesquer quantias podem ser entregues aos correspondentes e agentes do *Brasil-Portugal*, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, acompanhadas de uma nota que mencione nomes e residencias para serem publicados opportunamente.

Fica aberta a subscrição.

Brasil-Portugal..... 20\$000 réis

(Todas as quantias enviadas pelos nossos correspondentes serão entregues á redacção da « Mala da Europa. »)



Captain Davis
Commandante do Alabama



Captain Raymond F. Rodgers
Commandante do Kearsarge



Captain Leutze
Commandante do Maine



D. Amelia — Companhia de zarzuela. Trindade — A Preta do Mexilhão. Colyseu dos Recreios — Companhia de opera italiana

Tem n'este momento o dominio dos palcos de Lisboa a Hespanha e a Italia. A lingua portugueza está sendo escutada apenas no theatro da Trindade. Fecharam todos os outros as suas portas e os artistas bateram vôo para outras regiões. Dentro de poucos dias nem mesmo a voz da sr.^a Taberner e da sr.^a Galvany teremos a dita de ouvir e ver-nos-bemos obrigados, uns a afogar nas salsas ondas, outros a atenuar com aguas thermaes, a nostalgia da arte. E' a sorte de todo o lisboeta que se presa. E' a nossa. Conformemo-nos com ella. Contudo, até chegar a hora da despedida, vamo nos sangrando em saude, vamo-nos desforrando, de antemão, das saudades que hão-de assaltar-nos, da boa recordação d'essas noites, tão proximas e tão afastadas, em que a desenvoltura da zarzuela, os arroubos lyricos da opera, as maliciosas petulancias da opereta e os requebros estonteadores da Imperio nos faziam esquecer de que a vida tem coisas um pouco mais graves do que estar agradavelmente reclinado n'um *fauteuil*.

Seria bem mais facil metter o Rocio na Bitesga do que fazer n'estas estreitas columnas a resenha de todas as zarzuelas e operas, lyricas ou comicas, que se tem representado nos dois theatros de Lisboa mais frequentados pelo publico.

O que é interessante e que merece especial registo é o facto de terem estado á compita de qual d'elles apresentarem mais attractivos, e na batalha nenhum ficar derrotado, e serem ambos igualmente procurados e favorecidos. D. Amelia: enchentes todas as noites; Colyseu: odas as noites enchentes. *Nec variatur*.

E' certo que nunca o bom gosto e a justiça em tamanha harmonia se conjugaram, nem se encontraram ainda emprezas que de maiores recursos dispozessem e melhor soubessem captar e attrair o seu publico.

Veja-se o theatro do sr. visconde de S. Luiz de Braga, o D. Amelia. Em uma temporada, que não foi longa, dezenas de zarzuelas se succederam, e raras vezes as das vespera se repetiram, como se todos os dias fosse indispensavel produzir sensações novas, encher de elementos diversos, sempre variados, a attenção esfaimada e o gosto exigente. O thaumaturgo que d'aquella vara magica arrancou milagres timbrou em dar cada noite um espectáculo sensacional.

Agora é a *Gran-via* que ha vinte annos tem alvoroçado duas gerações, depois o *Genero Gordo* e a *Espana em Paris*, e a *Carmella*, e a *Revoltoza* e a *Marcha de Cadiz* e *Los Granujas*, e o *Puesto de flores* e *La Trapera* e o *Treból* e *El Barquillero*, e *Verbena de la Paloma* e *San Juan de Luz* e... *fen passe et des meilleurs*, uma infinidade de zarzuelas enfim, sendo raras as que deixaram de agradar incondicionalmente, e dando todas ellas ensejo á larga a que o publico mais escolhido de Lisboa cobrisse todas as noites de flores ou de applausos a Amparo Taberner a Pilar Perez, o Nadal, Lopes Martinez Figueroa e Palacios, e outros artistas ainda, que não obstante falarem outra lingua, mais pareciam nossos já, por que tinham já um logar marcado, uma parte imprescindivel no meio lisboeta, na vida da cidade.

E' a *Trindade*, como assim fica dito, o unico theatro onde se está representando em portuguez. E' uma peça ligeira, despretenciosa, desopilante, como convém á epoca de verão que atravessamos. E' uma parodia á *Aida*, é enfim *A Preta do Mexilhão*, que os mrs. Neuparth e Nicolino Milano recheiaram de felizes e engraçados trechos de musica. E' uma peça sem complicações, nem artificios, escrita em linguagem popular, apropriada ao meio em que se passa, tendo personagens comicos, situações felizes e ditos engraçados. Na *Preta do Mexilhão* não desmente Eduardo Coelho o seu feitio litterario, antes o confirma na espontaneidade da pbrase theatral e no preparo das scenas e dos effeitos que nunca falham.

Se se disser que a peça está posta com arte e gosto, que Georgina — a preta — tem as honras do desempenho, e que Queiroz, Theresa Mattos, Gomes, Santinhos e Almeida Cruz, dão, pelos seus bellos trabalhos, *cachet* e realce á feliz parodia, ter-se ha feito uma apreciação justa d'*A Preta do Mexilhão*.

Operas e operetas passam como n'um kaleidoscopo pelo palco do *Colyseu dos Recreios*. E, sendo positivo que a zarzuela é o *plat du jour* na cosinha theatral de Lisboa, e que tem já uma longa temporada a companhia italiana do Colyseu, só a artes magicas se deve attribuir o entusiasmo do publico, que nunca esfriou, e antes sobe em *crescendo* de noite a noite.

E' justo, porém, não omitir que as operas que foram ouvidas com mais agrado e com mais justiça applaudidas, foram aquellas em que tomou parte a notabilissima diva Maria Galvany, cuja noite de festa fica memoravel n'aquella casa. E' realmente uma artista excepcional, que logrou captar não só as sympathias, mais do que isso, a paixão do publico inteiro, que, sobretudo no *Rigoletto*, na *Dinorah*, nos *Puritanos*, na *Traviata* e na *Lucia* lhe prodigalisou applausos e entusiasmos.

Entre as cantoras que no Colyseu mais tem conquistado as graças do publico é justo especialisar *Maria Vinent*, que se impõe pela belleza, pela elegancia, e pela arte.

Apesar de muito nova, pois conta apenas vinte annos, tem já a consagração do publico do Theatro Real de Madrid, que na *Bohème* e na *Africana* coroou com longos applausos o seu excellente trabalho.

Dos meritos da juvenil artista sevilhana fica Lisboa com uma recordação que só se apagará quando ella vier em outra epoca lyrica dar em outros trabalhos novo realce ao seu valor.

Inutil é falar de outros artistas do Colyseu consagrados pelo publico, á frente dos quaes figura a nossa conhecida Rosa de Villa, que tambem é já quasi nossa, porque é a mais popular de todas as artistas estrangeiras que tem feito a ultima epoca lyrica em Lisboa.

Jayme Victor.



Maria Vinent